

AS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES: dados e relatos

É com grande satisfação que apresentamos o v.7 n.13 da Relicário, Revista do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia. Vivemos dias turbulentos, mais do que nunca a divulgação de ideias e de conhecimento faz-se necessária. As dificuldades e incertezas trazidas pela pandemia do Covid-19, que acometeu o planeta no ano de 2020 nos colocou diante de novos e velhos problemas, dentre eles a violência de gênero.

Foi no intuito de contribuir com a reflexão sobre o tema que decidimos apresentar o dossiê VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NO BRASIL E OUTROS PAÍSES DA AMÉRICA LATINA, dividido em dois números consecutivos. O primeiro que agora apresentamos corresponde à Parte I e é composto por dez artigos voltados para a temática proposta e outros três artigos que compõem a seção de artigos livres. Em virtude da riqueza do conteúdo e o volume de contribuições significativas que recebemos, publicaremos em seguida a Parte II deste dossiê, no v. 7 n. 14 da revista.

A mídia cada vez mais tem evidenciado a gravidade das situações envolvendo a violência sexual, física, moral e psicológica contra a mulher. Casos envolvendo pessoas anônimas ou famosas infelizmente, se multiplicam nas denúncias feitas nas redes sociais e órgãos da imprensa envolvendo mulheres de todas as classes sociais que circulam pelos mais diferentes espaços.

Mesmo o Brasil tendo em vigor há dez anos a Lei Maria da Penha, criada para coibir a violência contra as mulheres e uma das mais atuais do mundo, o problema ainda persiste e não se resolve por completo. A taxa de violência é altíssima. Uma em cada três mulheres, na cidade de São Paulo, sofre ou já sofreu violência física ou sexual pelo parceiro.

Embora juristas e ativistas dos movimentos em defesa dos direitos das mulheres realizem esforços para conter e compreender os efeitos das discriminações e da violência contra as mulheres, esse fenômeno parece estar longe de encontrar o seu fim. Nesse sentido, buscando explorar a temática para que tenhamos sempre melhores elementos que nos auxiliem no combate à violência, este dossiê organizou-se a partir da

ênfase às seguintes temáticas: 1) Femicídio e dados da violência contra as mulheres; 2) Relatos de casos de mulheres que sofreram violência; 3) Educação contra a violência e representações sociais da violência contra as mulheres.

Dessa forma, abrindo nosso dossiê temos o artigo intitulado *Femicídios e Transfemicídios na América Latina: casos emblemáticos e modelos interpretativos*, de Kathleen Kate Dominguez Aguirre e Thaíssa Oliveira Pinheiro. Nesse artigo, as autoras iniciam definindo o campo de análise do feminicídio como homicídio de mulheres cis, trans e travestis por razões de gênero, o presente artigo tem por objetivo evidenciar a impessoalidade violenta dos crimes de feminicídio que transcende a personalidade jurídica do ato, explorando perspectivas teóricas que oferecem diferentes abordagens e modelos de nomeação e interpretação deste fenômeno. Dessa forma, partindo de autoras feministas do Sul Global, o artigo contempla casos de feminicídios emblemáticos na América Latina e debates teóricos em torno do fenômeno.

Seguimos para o segundo artigo, *Violência Contra Mulheres No Brasil: um debate contemporâneo* artigo de Eva Poliana Carlindo e João Guilherme de Carvalho Gattás Tannuri. Trata-se de um texto que discute a violência contra mulheres brasileiras, em suas múltiplas formas, segundo dados fornecidos pelo Mapa da Violência (2015). A proposta é trazer à tona a importância do diálogo existente em diferentes campos do saber e entre seus diferentes agentes sociais a respeito das diferenças de gêneros existente, do machismo reproduzido, dos discursos sexistas proferidos, do feminicídio cometido e da homofobia externalizada.

O terceiro artigo de nosso dossiê foi escrito pela Profa Cláudia Maia e intitula-se *Histórias De Vergonha, Amor e Dor: violência de gênero em narrativas de mulheres vítimas*, um artigo que parte da história de vida de três mulheres vítimas de violência conjugal em Montes Claros (MG), para, a partir daí, compreender, os motivos que impedem essas e outras mulheres de romperem relações violentas e denunciarem seus agressores. Entre as explicações que emergem das narrativas estão o medo, a preocupação com filhos, a ideologia do casamento indissolúvel, a falta de apoio da família e aspectos relacionados à religiosidade e aos afetos. Motivos que estão quase sempre ligados ao processo de subjetivação feminina.

Ainda no campo das reflexões sobre as características das situações que envolvem as vítimas desses crimes de violência, o quarto desta edição, de autoria de Josélia Gomes

Neves, *Em Memória Delas*: situações de feminicídio na Amazônia, analisa os crimes praticados contra as mulheres de 2008-2011 em um município amazônico através da pesquisa documental do “Mapa da Violência: homicídio de mulheres no Brasil” (WAISELFISZS,2015). Analisando a referida documentação, o estudo apurou que pelo menos 6(seis) ou 7 (sete) mulheres pobres de 21 a 41 anos foram mortas por agressores masculinos, conhecidos ou não através de arma de fogo ou faca em situação de extrema vulnerabilidade, o que confirma os dados do Mapa.

Também as relações de trabalho aparecem como cenário para os casos de violência contra as mulheres. No artigo *Violência Contra A Mulher Nas Relações De Trabalho* de Ana Beatriz Oliveira Champloni e Ana Lúcia Galinkin as autoras apresentam uma visão geral das diversas formas de violência que são registradas contra mulheres, focalizando o local de trabalho, indicando também suas consequências pessoais, na saúde física e mental das mulheres, e sociais - do ponto de vista de Saúde Pública.

#NENHUMAAMENOS: o eco das vozes feministas na cobertura jornalística do caso de Mayara Amaral, por Tainá Mendes Jara e Katarini Giroldo Miguel é o sexto artigo do dossiê e nele as autoras propõem um debate sobre a influência da comunicação em rede na cobertura jornalística de um caso de feminicídio que reverberou nas redes sociais e alcançou intensa repercussão midiática, ao acontecer sob o eco das manifestações de uma pretensa quarta onda feminista e a partir da publicação, no Facebook, de uma carta aberta elaborada pela irmã da vítima.

Em *Feminicídio Como Reflexo da Cultura de Objetificação e Dominação Da Mulher*, sétimo artigo da edição, as autoras Ana Luíza Duarte de Carvalho, Kamila Montes Ferreira, Maria Eduarda de Souza Ramos e Sthefany Cristina da Silva Nunes abordam o crime de feminicídio, recentemente tipificado no Código Penal brasileiro pela Lei nº 13.104/2015. O artigo aborda a violência contra a mulher em uma perspectiva histórica, no âmbito social e doméstico, o conceito de feminicídio, o tratamento no direito penal e sua relevância jurídica, traçando um panorama amplo da temática, observando as características deste crime de gênero e sua relação com a inferioridade e objetificação feminina pela coletividade.

No artigo *A Importância do Trabalho Voltado aos Homens Autores de Violência*, à luz da experiência do grupo reflexivo de São Paulo, Nathália Germiniani Silva Vicentini, a autora, reflete sobre a importância do trabalho com os homens autores de violência

contra a mulher previstos na Lei Maria da Penha, abordando a experiência concreta de um dos serviços pioneiros do estado de São Paulo a partir de uma pesquisa e análise de cunho qualitativo. O texto é de grande importância pois aborda o potencial dos grupos reflexivos como um espaço de responsabilização e atenção aos homens autores de atos de violência de gênero.

Em CIBERFEMINISMO EM HOLLYWOOD: a repercussão dos movimentos #metoo e time's up de Caroline Kraus Luvizotto, nono artigo do dossiê, Ana Carolina Trindade, Carolina Bortoleto Firmino e Heloísa Souza dos Santos, as autoras abordam um tema muito atual: o ciberativismo como movimento feminista que, dado o uso das ferramentas digitais, apresenta diferentes possibilidades de expansão e conscientização. Tomando como ponto de análise os movimentos #MeToo e Time's Up como símbolos contra a cultura do assédio em Hollywood. Refletindo sobre o uso maciço da internet e de dispositivos móveis na vida cotidiana, as distintas ferramentas e possibilidades de interação, o rompimento das barreiras de tempo e espaço, e o relativo baixo custo, as autoras nos propõem uma reflexão sobre algumas das características que fazem da internet um meio essencial para os movimentos sociais.

Encerrando o dossiê, temos o artigo de Dibiss Cassimiro Ximenes, Francisco Elionardo de Melo Nascimento e Maiara Rafaela Santos Silva, intitulado "*Quem Ama Não Mata*": ciclos da violência doméstica, vestígios em uma cidade cearense. No texto, são analisados e discutidos os dados sobre violência doméstica e familiar ocorridos em 2018 na cidade de Sobral-Ceará. A partir da análise dos boletins de ocorrência produzidos pela Delegacia de Defesa da Mulher de Sobral, as autoras e o autor, percebem a ruptura do ciclo de violência doméstica com a formalização da denúncia envolve várias questões que circundam a problemática, desde a interiorização do lar até o âmbito coletivo da problemática em um contexto social.

Na seção de artigos livres, este volume nos agracia com o lindo artigo de Larissa Ramos dos Santos, *As Matriarcas Do Axé: Representações femininas no Candomblé* a partir das fotografias de Pierre Verger, no qual a autora, a partir da análise sobre a representação da figura feminina no candomblé, em algumas fotografias de Verger, nos apresenta uma análise dos elementos constitutivos do universo imagético de Verger que possibilitou a construção de um imaginário visual sobre as grandes matriarcas do famoso candomblé baiano, mulheres autônomas na esfera social, africanas e descendentes.

O segundo artigo da seção livre nos traz o olhar da psicologia sobre o tema do envelhecimento. Em *Envelhecimento: o olhar da psicologia sobre o tema, no Brasil e no Rio Grande do Sul*. Em seu texto, Pablo Laffaet Stefanos Soares nos elucida sobre o referido debate apontando questões importantes como o fato de haver mais artigos e conteúdos sobre velhice dentro da Enfermagem do que na própria Psicologia ou outras áreas de pesquisa sobre saúde.

Encerrando esta edição, temos *Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras-“Dr. Joaquim José Teixeira Leite”*, de José Antonio da Silva e Angelo Ferreira Monteiro. Neste artigo os autores nos apresentam o Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição, da Freguesia de Vassouras. Fundamentados na análise dos livros de registros e processos de matrimônio e administrativos desta Freguesia criada em 1837, os autores demonstram a importância e a necessidade da criação deste espaço de pesquisa, em virtude do número crescente de pesquisas científicas relacionadas ao Vale do Paraíba Fluminense nas duas últimas décadas, especialmente sobre a cidade de Vassouras-RJ.

Esperamos que você tenha uma ótima experiência no contato com essas autoras e autores e lhe desejamos uma ótima leitura!

Ivete Batista da Silva Almeida

Integrante do Conselho Editorial da Revista Relicário
Coordenadora de Ensino do NEAB-UFU
Coordenadora do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché
Líder do Grupo de Pesquisa 'Estudos Negros' - CNPq-UFU
Docente do Mestrado Profissional em História - ProfHistória-UFU
Universidade Federal de Uberlândia - INHIS
Câmpus Santa Mônica – Bloco H, Sala 1H53
Tel: (34) 3239-4130